

MONTEIRO LOBATO E A CONSTRUÇÃO DE UMA ARTE NACIONAL

Geovana Gentili
Santos¹

Ai! Quando nos virá a esplêndida
coragem de sermos nós mesmos,
como o francês tem coragem de
ser francês, e o inglês a de ser
inglês, e o alemão a de ser
alemão?

Quando? Quando?

(Monteiro Lobato)

Resumo:

Monteiro Lobato (1882-1948) engaja-se com as questões de seu tempo e procura, de várias maneiras, mostrar à sociedade brasileira a possibilidade de assumir a sua individualidade e de construir uma identidade com elementos próprios, sem necessitar “recender a produtos importados”. Considerando tal aspecto, propomos uma reflexão sobre a codificação do nacional na produção literária de Monteiro Lobato, centrando-nos, sobretudo, em suas cartas e artigos.

Palavras-chave: Monteiro Lobato, literatura brasileira, nacional

Abstract:

¹ Doutoranda pela USC - Universidade de Santiago de Compostela, junto ao Programa “Literatura y construcción de la identidad en Galicia”, na cidade de Santiago de Compostela/Espanha e pela UNESP - Universidade Estadual Paulista, junto ao Programa de Pós-Graduação “Literatura e Vida Social”, na cidade de Assis/Brasil. Atualmente é bolsista de estadia no “Centro Ramón Piñeiro para a Investigación em Humanidades”, junto ao Projeto de Pesquisa “Informe de Literatura”, sob a coordenação da Profa. Dra. Blanca-Ana Roig Rechou, em Santiago de Compostela. E-mail: geovana@gentili.com.br / geovanagentili@yahoo.com.br

Monteiro Lobato (1882-1948) gets involved in the issues with the issues of his time and intends, by many ways, to show the Brazilian society the opportunity to take their individuality and build an identity with the national elements, without “to turn to imported products”. Considering this aspect, we propose a reflection on the codification of national in Monteiro Lobato’s literary production, analyzing especially his letters and articles.

Keywords: Monteiro Lobato, Brazilian literature, national.

O desejo de Monteiro Lobato (1882-1948) de ver o Brasil apto a se apresentar junto às demais nações como um país capaz de produzir uma arte autenticamente sua, de ter a firmeza de assumir sua essência nacional, assim como “o francês tem coragem de ser francês, e o inglês a de ser inglês, e o alemão a de ser alemão”, manifesta-se ao longo de toda a sua produção literária. Expressando o seu inconformismo irreverente em face da ausência de uma identidade nacional, o escritor assume, desde a sua juventude, uma posição crítica em relação à padronização do comportamento e das idéias.

Durante os anos em que cursa a faculdade de Direito, no Largo São Francisco, em São Paulo (1900-1904), Lobato lê intensamente: “Leio tanto que quando vou para a cama meu cérebro continua a ler maquinalmente” (LOBATO, 1964, v.11, p.47).² As cartas trocadas com o amigo

² Trecho extraído da carta de 04 de janeiro de 1904.

Godofredo Rangel, nesse período estudantil, posteriormente reunidas e publicadas sob o título *A barca de Gleyre* (1944), já revelam a essência do pensamento lobatiano: a busca por um estilo próprio. Em diversas passagens, constatamos sua visão crítica e sua insatisfação em relação à condição servil da literatura brasileira, que seguia incontinentemente os passos da “moda” estrangeira. Em 02 de junho de 1904, Lobato afirma:

O mais especial de Byron, para nós, foi a sedução que exerceu nos nossos revoltados poéticos daquele tempo. Todos byronizaram. *Era moda*. Como depois todos hugoaram, quando a moda virou Hugo [...] Depois parnasianamos com Raimundo e Alberto. E zolaizamos com Aluisio, etc. *Chega*. (LOBATO, 1964, v.11, p.58, grifo nosso).

Com essas palavras, Lobato expõe seu posicionamento crítico, denunciando a postura subserviente do Brasil diante da cultura e da literatura estrangeira. Na carta de 15 de novembro de 1904, Lobato retoma a imagem do quadro de Charles Gleyre (1808-1874) – *Ilusões perdidas* – metaforizando a condição inicial de sua carreira e a de Rangel:

Estamos moços e dentro da barca. Vamos partir. Que é a nossa lira? Um instrumento que temos de apurar, de modo que fique mais sensível que o galvanômetro, mais penetrante que o microscópio: a lira eólia

do nosso senso estético. Saber sentir, saber ver, saber dizer. E tem você de rangelizar a tua lira, e o Edgar tem que edgardizar a dele, e eu de lobatizar a minha. Inconfundibilizá-las. Nada de imitar seja lá quem for. Eça ou Esquilo. Ser Eça II ou um Esquilo III, ou sub-Eça, um sub-Esquilo, sujeiras! Temos de ser nós mesmos, apurar os nossos Eus, formar o Rangel, o Edgar, o Lobato. Ser núcleo de cometa, não cauda. Puxar fila, não seguir (LOBATO, 1964, v.11, p.81-2).

Apesar do equívoco cometido na descrição do quadro, como reconhece o próprio autor em nota,³ as imagens criadas por ele não perdem sua força expressiva. Na incerteza do caminho da arte, a execução da lira passa a representar metaforicamente o exercício literário do escritor e o seu senso estético, que devem ser continuamente aperfeiçoados e individualizados, assim como a *performance* musical. No final da carta, Lobato aconselha: “seja você mesmo, porque ou somos nós mesmos ou não somos coisa nenhuma [...] Há no mundo o ódio à exceção – e ser si mesmo é ser exceção. *Ser exceção* e defendê-la contra todos os assaltos da

³ “Há um erro aqui. Esse quadro de Charles Gleyre que entrou para o museu de Luxemburgo e de lá se passou para o Louvre, sempre foi vítima de traições. Gleyre denominou-o *Soir* mas o público foi mudando esse nome para *Ilusions Perdues* e assim ficou. Eu também mexi no quadro. Pus o velho dentro da barca e fiz a barca vir entrando no porto, toda surrada. Traí o pobre Gleyre. Sua barca não vai entrando, vai saindo, como se deduz da direção do enfunamento das velas...” (LOBATO, 1964, v.11, p.83).

uniformização: isto me parece grande coisa” (LOBATO, 1964, v.11, p.83).

Por várias vezes, Lobato retoma essa questão e expõe ao amigo que, para ser um “homem de letras vitorioso”, é necessário individualizar-se e não reproduzir discursos ou estilos consolidados. Em 02 de fevereiro de 1905, ele declara:

[...] o teu “Gonache”⁴ é uma pura imitação pastichada desse Flaubert que te anda estragando as tripas do estilo. Entre a maneira de Flaubert e a de Rangel a diferença é nula – o que seria ótimo para você, se você houvesse vindo ao mundo antes de Flaubert. [...] Coisas assim, assinadas por Flaubert, seriam admiráveis – em você não passam de engenhosos ecos (LOBATO, 1964, v.11, p.92).

Com um tom irreverente e, ao mesmo tempo, severo, Lobato chama a atenção de Rangel no que concerne à postura subalterna que adota diante do acervo literário, apontando a anulação do estilo próprio do amigo e a redução que essa posição lhe traz, tornando-o apenas um “eco”. Dois anos depois, em 1907, quando Lobato se encontra na cidade de Areias, atuando como promotor, verificamos, novamente, sua crítica a Rangel:

⁴ Artigo escrito por Godofredo Rangel e publicado no jornal *Minarete*, periódico da cidade de Pindamonhangaba (interior do Estado de São Paulo). Devido a um erro tipográfico, o título do texto saiu como “Gonache” em vez de “Gouache”, título original.

Ando para te passar um pito. Você grudou-se num certo número de autores, conviveu demais com eles – Zola, Flaubert, Goncourt – e estranha todos que deles se diferenciam. Isso é estreiteza. Nada de hábitos, meu caro. Hábito é preguiça. Coisa para velhos e estropiados. Um homem vivo deve ser como o mar, sempre em movimento. O velho é o lago – manso lago azul, essa besteira (LOBATO, 1964, v.11, p.186).

Lobato reivindica do amigo uma postura mais distanciada em relação aos autores que lê, sem submeter-se e restringir-se à obra deles. Com a oposição de duas imagens, a do mar e a do lago, Lobato expõe o modo como o escritor deve posicionar-se perante o acervo literário. Observamos, nas duas comparações estabelecidas – “homem vivo como o mar” e “velho como lago” –, a expressão do pensamento lobatiano de que o escritor em formação deve estar em contínuo movimento, percorrendo as diversas correntes literárias a fim de extrair desse contato elementos que auxiliem na construção do seu senso estético. Essas considerações de Lobato explicitam o quanto a busca por um estilo próprio e a oposição à “uniformização” e à cópia servil tornam-se o seu *leitmotiv*.

Em alguns artigos reunidos no livro *Idéias de Jéca Tatú* (1919),⁵ Lobato dedica-se

⁵ Inicialmente, os artigos foram publicados no jornal *O Estado de S. Paulo* e na *Revista do Brasil*. Em 1919,

largamente à questão da criação de um estilo próprio nos artistas brasileiros. Em “A criação do estilo”, Lobato afirma: “Estilo é a feição peculiar das coisas. Um modo de ser inconfundível. A fisionomia. A cara” (LOBATO, 1964, v.4, p.24). Essa idéia do estilo ser a expressão particular da obra é reiterada no artigo, “Ainda o estilo”, nos seguintes termos: “O estilo é a fisionomia da obra d’arte. Produto conjugado do homem, do meio e do momento, é pelo estilo que ela adquire caráter” (Idem, p.37). Em “A questão do estilo”, Monteiro Lobato procura salientar que a cópia banal de objetos estrangeiros para o contexto nacional sem qualquer adequação ou olhar crítico gera um esvaziamento de sentido no objeto copiado:

– Cariatide⁶, não é aí o teu lugar. Estás a gemer como sob um grande peso, mas esta sacada que sustentas tem pontas de trilhos por baixo. Deixa que os trilhos gemam e façam caretas, já que eles é que fazem a força. És duma inutilidade absoluta, e és grotesca porque finges um esforço de mentira. Lá na Grécia onde nasceste tinhas uma razão de ser, mas aqui não (LOBATO, 1964, v.4, p.35, grifo nosso).

Lobato organiza esses textos e publica-os sob o título *Idéias de Jéca Tatú* que, posteriormente, passa a compor a coleção *Obras Completas* (1946). Para uma análise crítica, conferir o trabalho *Um Jeca nos vernissages* (1995), de Tadeu Chiarelli.

⁶ “Suporte arquitetônico, originário da Grécia antiga, que se apresentava quase sempre com a forma de uma estátua feminina e cuja função era sustentar um entablamento” (HOUAISS, 2004, p. 626).

Em paralelo à crítica da ausência de significado dos elementos copiados e sua conseqüente inadequação ao cenário brasileiro, Lobato ressalta a riqueza do nosso folclore, fato que dispensaria tal procedimento servil diante da cultura estrangeira:

Há em redor de nós todo um eldorado de temas virgens [...] Temos ninfas, ou o correspondente disso, puramente nossas; Iara, a mãe d’água, a mãe do ouro. Temos Marabá, a perturbadora criação indígena [...] Temos caporas, boitatás e tantos outros monstros cujas formas ainda em estado cósmico nenhum artista procurou fixar (LOBATO, 1964, v.4, p.30).

Diante da riqueza da nossa tradição, da nossa flora e da nossa fauna, Monteiro Lobato questiona se essa variedade natural, tipicamente nacional, não mereceria ser estilizada: “nossa fauna será tão pobre que necessitemos fincar nas pontas das ripas do Belvédère da Avenida, cabecinhas de carneiro grego? (LOBATO, 1964, v.4, p.30). Assim, descontente com o pensamento que rege a sociedade brasileira, para a qual “o mundo ainda é a França” e se submeter às suas tradições, aos seus costumes e, até mesmo, à sua língua é uma forma de tornar-se mais civilizado, mais europeizado, Lobato exclama:

[...] à luz do ponto de vista brasileiro era de desejar que a França fosse tragada por um maremoto afim [sic] de permitir uma livre e pessoal desenvoltura a nossa individualidade. Porque ela está nos pondo “faisandés” antes do tempo.

Que lindo se figurássemos na assembléia mundial como povo capaz de uma idéia sua, uma arte sua, costumes e usanças que não rescendam a figurinos importados! (LOBATO, 1964, v.4, p.30).

Fiel às suas concepções, Monteiro Lobato permanece contrário ao culto e à adesão passiva da cultura estrangeira e, por meio de suas criações literárias, procura proclamar o nosso grito de independência e criar uma literatura com elementos nacionais. Nesse percurso, o contato com o homem do interior e com as experiências empíricas de um dono de terras fazem germinar em Lobato novas idéias e um posicionamento crítico face as obras literárias brasileiras:

Quantos elementos cá na roça encontro para uma arte nova! Quantos filões! E muito naturalmente eu *gesto coisas*, ou deixo que se gistem dentro de mim num processo inconsciente, que é o melhor: gesto uma obra literária, Rangel, que, realizada será

algo nuevo neste país, vítima duma coisa: *entre os olhos dos brasileiros cultos e as coisas da terra há um maldito prisma que desnatura as realidades*. E há o francês, o maldito macaqueamento do francês (LOBATO, 1964, v.11, p.362, grifos do autor).⁷

Desta gestação, nascem dois artigos que marcam a carreira de Monteiro Lobato. Em 12 de novembro de 1917, vem à luz, no jornal *O Estado de S. Paulo*, o artigo “Velha Praga”. Neste texto, Lobato apresenta o homem do interior sob uma perspectiva menos idealizada, se comparado com a abordagem romântica indianista, presente, sobretudo, na obra de José de Alencar (1829-1877).

No mês seguinte, mais precisamente, em 23 de dezembro de 1914, Lobato publica o artigo “Urupês”. Neste, a imagem do caboclo acororado intensifica-se: “Nada o esperta. Nenhuma ferrotoada o põe de pé. Social, como individualmente, em todos os atos da vida, Jeca, antes de agir, acocora-se” (LOBATO, 1964, v.1, p.280). Se, em “Velha Praga”, Lobato denuncia o comportamento predatório do caboclo, sinalizando os estragos naturais que realiza – “Depois ataca a floresta. Roça e derruba, não perdoando ao mais belo pau” (Idem, p.273) – em, “Urupês, Lobato concentra sua denuncia na imagem idealizada criada pelos escritores brasileiros em torno

⁷ Trecho extraído da carta de 20 de outubro de 1914.

dessa figura: “Pobre Jeca Tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade!” (Idem, p.281). Com um discurso recheado de ironia, Lobato faz sua crítica:

Morreu Peri, incomparável idealização dum homem natural como sonhava Rousseau, protótipo de tantas perfeições humanas que no romance, ombro a ombro com altos tipos civilizados, a todos sobreleva em beleza d’alma e corpo.

Contrapôs-lhe a cruel etnologia dos sertanistas modernos um selvagem real, feio e brutesco, anguloso e desinteressante, tão incapaz, muscularmente, de arrancar uma palmeira, como incapaz, moralmente, de amar Ceci (LOBATO, 1964, v.1, p.277).

Retomando as personagens de José de Alencar, presentes na obra *O Guarani* (1857), Lobato estabelece o confronto entre a figura do Peri e a do Jeca Tatu. O primeiro caracteriza-se pela beleza, pela força e pelas ações que lhe assemelham ao homem branco europeizado. O segundo, despido de qualquer pretensão heróica, rompe com essa idealização e apresenta como principal característica a sua posição acorçada.

Ao criar Jeca Tatu, Lobato revela o seu posicionamento diante do “arquivo literário”. Segundo as formulações teóricas de Dominique Maingueneau, em *Discurso literário* (2004), a eleição ou a exclusão do outro constitui uma forma de “construir para

si uma identidade” e de “definir trajetórias próprias no intertexto” (MAINGUENEAU, 2006, p.163). Mediante esse procedimento, “o criador indica qual é para ele o exercício legítimo da literatura” (Idem, p.163). Com base nessas considerações, constatamos que Lobato procura romper com a tradição literária que idealizava a figura do índio e do caboclo, instaurando uma nova perspectiva sobre a verdadeira identidade nacional. Dessa forma, com a criação de Jeca Tatu, Monteiro Lobato desperta a sociedade para a verdadeira condição do caipira, recusando-se a perpetuar um discurso que mascarava a realidade do homem do interior:

Se não houvesse virado fazendeiro e visto como é realmente a coisa, o mais certo era estar lá na cidade a perpetuar a visão erradíssima do nosso homem rural. O romantismo indianista foi todo ele uma tremenda mentira; é morto o indianismo, os nossos escritores o que fizeram foi mudar a ostra. Conservaram a casca... Em vez de índio, caboclo (LOBATO, 1964, v.11, p.364-5).⁸

De acordo com Candido, dessa vivência, “Monteiro Lobato (é verdade que com certa amargura desagradável de patrão decepcionado) traria a imagem do caipira desvitalizado e retrógrado, abandonado ao seu triste destino” (CANDIDO, 1995, p.295-6).

⁸ Carta de 20 de outubro de 1914.

Engajado com as questões de seu tempo, Lobato reconhece as condições precárias desse caboclo e passa, então, a denunciar os problemas sanitários do país, publicando diversos artigos no jornal *O Estado de S. Paulo*, reunidos, posteriormente, em livro sob o título *Problema vital* (1918). Desse conjunto, destacamos o artigo “Jeca Tatu”, no qual Lobato se retrata com o caboclo, compreendendo que sua condição decorria da falta saúde. Esse texto torna-se a história emblemática da campanha sanitária promovida por Candido Fontoura (1885-1974),⁹ alcançando ampla circulação: “Ter saúde é a grande qualidade de um povo. Tudo mais vem daí” (LOBATO, 1964, v.8, p.340).

Além da figura do Jeca Tatu, Lobato movimentou o jornal *O Estado de S. Paulo* com a proposta de um inquérito a cerca do saci – figura folclórica, pertencente à tradição popular brasileira. Do material recolhido, Lobato publica dois livros: primeiro, em 1918, vem à luz *Saci-pererê: o resultado de um inquérito*, que se torna referência nos estudos folclóricos brasileiros, contribuindo para o desenvolvimento da obra *Geografia dos mitos brasileiros*, de Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) (Cf. CAMARGO, 2006, p.202); e, posteriormente, em 1921, *O Saci*, obra destinada aos leitores infanto-juvenis. Nesta aventura, Pedrinho vivencia

diversas aventuras em companhia de um saci, além de conhecer outras figuras típicas do folclore brasileiro, tais como: Iara, Boitatá, Cuca, Lobisomem, Curupirim, Jurupari, Caipora e a lenda d’ “O negrinho do pastoreio”,¹⁰ pertencente à tradição popular da região Sul do Brasil.

A tradição popular faz-se presente, ainda, no livro *Histórias de Tia Nastácia* (1937). Muito querida por todos os moradores do Sítio do Picapau Amarelo, Tia Nastácia torna-se, na visão de Pedrinho, uma “fonte” para conhecer um pouco mais sobre o *folclore* – “coisas que o povo sabe por boca, de um contar para o outro” (LOBATO, 1988, v.11, p.08). Interessado no assunto, Pedrinho pede a cozinha que narre algumas histórias e, diferentemente dos serões de Dona Benta, em que se percebe a complexidade narrativa, os serões de Tia Nastácia contam com histórias de forma e conteúdo mais simples. O contato com esse legado permite às crianças do Sítio e, conseqüentemente, ao leitor, compreender o processo criativo das obras literárias, na medida em que percebem a similaridade entre o conto oral e alguns textos escritos: “Essas histórias são velhíssimas, e correm todos os países, em cada terra contadas de um jeito. Os escritores o que fazem é fixar as suas versões, isto é, o modo como eles entendem que as histórias devem ser contadas” (Idem, p.55).

⁹ Farmacêutico que se dedicou às questões sanitárias e que criou o xarope Biotônico Fontoura, conhecido até os dias atuais.

¹⁰ Este conto é recolhido por Câmara Cascudo na obra *Lendas brasileiras*, publicado em 2000.

Outro procedimento de valorização do nacional nas obras infantis de Monteiro Lobato consiste no fato de as personagens dos contos clássicos desejarem fugir de suas histórias “emboloradas” e viver novas aventuras no espaço do Pica-pau Amarelo. Com esse procedimento, Lobato procura salientar as nossas especificidades:

– Que coisa gostosa – murmurou Alice – chupar laranja-lima ao lado de um anjinho do céu que conta as coisas de lá! Estou mudando de opinião, Emília. Estou achando que este sítio de Dona Benta é ainda mais gostoso que ao nosso Kensington Garden lá em Londres...

– E é mesmo – observou Narizinho. – Não há lugar no mundo que vaha o sítio de vovó. Quem vê pela primeira vez, com estas árvores velhas, todo espondongado, não dá por ele. Mas depois que o conhece, não troca nem pela Califórnia, que é um paraíso. O sítio de vovó é gostoso como um chinelo velho (LOBATO, 1988, v.5, p.41).

Mantendo-se fiel ao princípio de que o artista deve voltar-se aos temas e a riqueza da sua cultura e tendo plena consciência de que uma obra não surge do vazio, antes dialoga com uma tradição literária já consolidada, Lobato cria uma literatura infantil capaz de agregar diferentes tradições culturais.

Considerações finais

Tratar da codificação dos elementos nacionais na obra de Monteiro Lobato, de modo mais verticalizado, demandaria algumas páginas a mais, dada a intensa atuação do escritor no panorama sócio-literário brasileiro. Lobato luta pela saúde, pelo desenvolvimento editorial, pelo acesso irrestrito ao livro, pelo crescimento econômico, empenhando-se nas causas do ferro e do petróleo, e por uma arte que não rescendesse a produto importado. Ao longo do seu percurso, Lobato expõe em seus artigos tais questões, procurando arrancar a máscara que deturpava a visão da realidade da sociedade brasileira. Em suas produções ficcionais, tal postura evidencia-se ao optar por lançar luz em temas e figuras que permaneciam abafados pela hipervalorização do estrangeiro.

Referências bibliográficas

CAMARGO, Evandro do Carmo. *Um estudo comparativo entre O saci-pererê: resultado de um inquérito (1918) e O Saci (1921), de Monteiro Lobato*. (Dissertação de Mestrado), Assis: Unesp, 2006, 493p.

CANDIDO, Antonio. Uma palavra instável. In: _____. *Vários escritos*. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Lendas brasileiras*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. 11.ed. São Paulo: Brasiliense, 1964. (Obras completas de Monteiro Lobato, v.11).

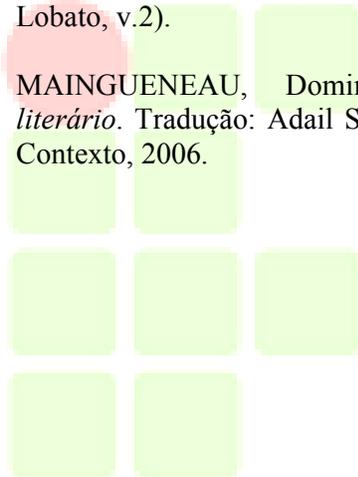
_____. *A barca de Gleyre*. 11.ed. São Paulo: Brasiliense, 1964. (Obras completas de Monteiro Lobato, v.12).

_____. *Histórias de Tia Nastácia*. São Paulo: Círculo do livro, 1988. (Obra infanto-juvenil de Monteiro Lobato, v.11).

_____. *Idéias de Jéca Tatú*. 11.ed. São Paulo: Brasiliense, 1964. (Obras completas de Monteiro Lobato, v.4).

_____. *O Saci*. São Paulo: Círculo do livro, 1988. (Obra infanto-juvenil de Monteiro Lobato, v.2).

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. Tradução: Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
SÃO PAULO